

# IMAGENS, MEMÓRIAS, RUÍNAS NOS TEMPOS DO LUGAR

## A BIOGRAFIA DE UMA PAISAGEM URBANA

**SILVIO LUIZ CORDEIRO** Doutorando pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Brasil

**RESUMO** Um projeto educativo experimental na arqueologia brasileira reabriu as portas de um relevante sítio arqueológico, há tempos interdito: jovens estudantes da comunidade que habita o entorno do chamado *Engenho São Jorge dos Erasmos* participaram de uma Oficina de Vídeo, com atividades de estudo à produção de documentário sobre as ruínas de um dos primeiros engenhos de açúcar instalados no Brasil, consideradas como patrimônio histórico nacional. A experiência trabalhou com diversas fontes, desde as evidências arqueológicas na paisagem à história oral; e reaproximou a comunidade dos remanescentes quinhentistas na redescoberta da história do próprio lugar: os exercícios com o vídeo – tanto um instrumento de registro documental, quanto um meio de estudo à produção de narrativas audiovisuais – animaram novos olhares sobre as ruínas. Os estudantes em sua comunidade revisitaram um período da história do Brasil, por um novo modo de escavar a memória das relações humanas na transformação do meio, reconhecendo-se como participantes da biografia da paisagem urbana em que vivem.

**PALAVRAS-CHAVE** Arqueologia brasileira, engenho, patrimônio histórico, paisagem, documentário

*O olho vê,  
a lembrança revê,  
a imaginação transvê.  
É preciso transver o mundo.*

Manoel de Barros

Abrigados na paisagem periférica da cidade de Santos, remanescem os vestígios arquitetônicos de um relevante exemplar quinhentista entre os primeiros engenhos de açúcar instalados no Brasil: as ruínas do chama-

do *Engenho São Jorge dos Erasmos*<sup>1</sup>, contemporâneas do início da colonização portuguesa das terras indígenas do litoral brasileiro. Porém, inscritas nos livros de tombo em todas as instâncias do patrimônio histórico no Brasil<sup>2</sup>, as ruínas permaneceram abandonadas por muito tempo. Em fins dos anos 1980, interesses do mercado imobiliário viram ali a oportunidade de implantar um novo loteamento e as obras iniciais revolveram o entorno do Engenho de Erasmus, arrasando-o...

1. O nome *Engenho São Jorge dos Erasmos* permanece, sobretudo em respeito ao nome cunhado a partir da obra do monge beneditino Frei Gaspar da Madre de Deus publicada em 1797, primeira referência sobre a história deste engenho, no contexto de suas *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*: para o monge historiador, nomear o engenho como *dos Erasmos* compreenderia também os descendentes de Erasmus Schetz, seus herdeiros. Entretanto, no meu trabalho, passo a nomeá-lo simplesmente por *Engenho de Erasmus*.

2. Encontram-se, no livrete de José Pedro Leite Cordeiro intitulado *O Engenho de São Jorge dos Erasmos*, sucintas observações publicadas em 1945 sobre as ruínas, entre elas, na última página, a breve referência ao cemitério do engenho, redescoberto em 2003 por uma equipe de arqueologia. De Paris, a 25 de julho de 1948, Fernand Braudel escreveu uma carta ao amigo historiador Sérgio Buarque de Holanda e refere-se à pesquisa sobre arquivos dos Schetz por sua indicação. Na Universidade de São Paulo, o *Engenho de Erasmus* era assunto presente nas aulas de história do Brasil. Em 1952, o jornal *O Estado de S. Paulo* publica textos da estudante de história da USP, Maria Regina da Cunha Rodrigues, sobre as ruínas do engenho e iniciaria um movimento que levou, em 1958, a doação dos remanescentes à Universidade de São Paulo. Em 1963, as ruínas foram inscritas no livro de tombo histórico do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Anos depois, o tombamento pelo Estado de São Paulo (CONDEPHAAT, em 1973). Por fim – e só após a destruição do entorno do Engenho, visando-se a implantação de um loteamento urbano – as ruínas foram tombadas pelo Município de Santos (CONDEPASA, em 1990).

Imagem original em vídeo: Silvío Luiz Cordeiro (2003)



1. Vista aérea dos remanescentes do Engenho de Erasmus, estruturas elevadas sobre um *platô*, provável sambaqui pré-histórico, adaptado para a construção e instalação do engenho.

As iniciativas de tombamento, precisamente conduzidas, não foram acompanhadas por meios mais efetivos, sejam à conservação, sejam ao usufruto público de um bem reconhecido como monumento histórico nacional. Protegido apenas em papéis, o sítio arqueológico, abandonado, foi invadido pela expansão urbana na zona noroeste da Cidade de Santos. Os possíveis vestígios existentes nas áreas contíguas às ruínas – elevadas sobre um platô: provável sambaqui pré-histórico adaptado para ali se edificar o engenho – foram destruídos durante as obras para se implantar um novo empreendimento imobiliário: em 1987, tratores arrasaram, numa grande movimentação de terra, o registro arqueológico próximo das ruínas.

José Dias Herrera (1987)



2. O impacto no entorno próximo às ruínas do Engenho de Erasmus, no centro da imagem. Vê-se, na extremidade direita, a escola pública vizinha ao sítio arqueológico.

## UMA OFICINA DE VÍDEO ENTRE AS RUÍNAS

Em dezembro de 2001, no contexto de um projeto arqueológico do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP<sup>3</sup>, desenvolvi a experiência da Oficina de Vídeo junto com o cineasta André Costa, iniciando-se assim a reabertura das ruínas quinhentistas aos estudantes da escola pública construída ao lado do sítio que, por muitos anos, não puderam entrar na área arqueológica, assim como toda a comunidade: em 1989, a Universidade de São Paulo, para protegê-las, resolveu por bem levantar muros e cercar o perímetro do sítio. As ruínas, durante as aulas de história, eram vistas apenas pelas janelas da escola, como relataram professores e estudantes. Na mesma medida em que os muros levantados buscaram proteger, também interditaram o contato da comunidade com o bem cultural até então em situação de abandono e praticamente desconhecido na região. Em janeiro de 2002, no início das atividades do trabalho experimental desenvolvido na Oficina de Vídeo,

3. O módulo educativo do projeto arqueológico para o sítio foi coordenado pela arqueóloga do MAE USP, Elaine Farias Veloso Hirata. A Oficina de Vídeo contou com apoio essencial da professora de história na escola pública vizinha ao monumento, Andréia Candeia, quem formou um grupo de estudantes para participar do trabalho.

estudantes da escola pública vizinha do velho engenho, todos moradores das proximidades do sítio histórico, entraram pela primeira vez no recinto murado dos remanescentes quinhentistas.

A presença das ruínas no processo que se iniciava era essencial, pois não se afirma qualquer iniciativa voltada à preservação de um bem histórico sem que sejam *restaurados* – e de modo participativo – vivências, memórias anteriores e o interesse da população pela própria história do lugar (Cordeiro e Costa, 2001).

O vídeo permeou as diversas etapas e atividades realizadas no sítio, desde a exibição de referências audiovisuais através de documentários até o uso de câmeras nos exercícios entre as ruínas. Levantamentos e estudos preliminares foram animados a partir do conjunto de informações textuais, iconográficas e videográficas reunido, assim como a história oral na comunidade.

Um dos exercícios essenciais no processo foi dirigido como um estudo à própria leitura da paisagem transformada no tempo: desde um paleoambiente habitado por culturas pré-históricas, até a chegada de colonos, a fundação das vilas na Ilha de São Vicente e instalação dos engenhos, o cultivo dos canaviais e todo o desenvolvimento posterior, culminando na cidade atual expressa por aquela paisagem urbana. A percepção dos vestígios arqueológicos no lugar, pelo próprio exercício do olhar através de um instrumento de registro documental – a câmera de vídeo – compreendeu um sentido de aproximação, por escalas: do macro, pela paisagem urbana, decupando-a; ao micro, a inserção das ruínas nesta paisagem. Provocava-se o diálogo entre essas duas escalas, em sua relação com as transformações no curso do tempo, já como reflexão dos exercícios com as câmeras de vídeo e estudo das diversas fontes levantadas.

Imagem original em vídeo: Oficina de Vídeo (2002)



3. Estudantes da escola pública entram pela primeira vez no sítio arqueológico histórico, no início das atividades da Oficina de Vídeo junto às ruínas quinhentistas, em janeiro de 2002.

Imagem original em vídeo:  
Oficina de Vídeo (2002)

4. Estudante com a câmera durante exercícios de leitura da paisagem urbana, a partir das ruínas.

Esse diálogo alimentou, por fim, o estudo do roteiro à montagem da narrativa audiovisual, quando os estudantes se apoiaram na teia de conhecimentos formada pelo grupo até ali. Porém, o documentário, em si, como produto da Oficina, não concluiu o trabalho: uma etapa posterior, importantíssima, iniciava-se com o vídeo pronto, por sua exibição em contextos dinâmicos de usufruto por parte de educadores e estudantes, a provocar o debate que a montagem audiovisual proporciona, sobremodo quanto ao sentido do patrimônio para comunidades que habitam lugares com a presença de testemunhos históricos, na perspectiva de levar e ampliar o debate para um público maior, em seus respectivos contextos, como no exemplo deste trabalho, quando as pessoas redescobrem nas ruínas o sentido dos vestígios para si, enquanto moradores do lugar.

O trabalho experimental junto aos estudantes possibilitou um meio de perceber e compreender aquelas pedras: as ruínas, abrigadas no sítio arqueológico, testemunham a transformação do lugar por sociedades que ali viveram, mas também por uma sociedade contemporânea, da qual participa a comunidade que ali habita, que vivencia aquela paisagem e atua em sua historicidade. Os estudantes desenvolveram uma nova postura frente ao sítio considerado como um patrimônio histórico do Brasil, vendo-o como um testemunho vivo de uma história que se faz contínua e não

Imagem original em vídeo: Oficina de Vídeo (2002)



5. Leitura e interpretação de fontes primárias: o manuscrito de 1548 com informações sobre o engenho.

mais confinada ao passado<sup>4</sup>.

O objetivo da Oficina de Vídeo foi “promover a redescoberta das ruínas através da educação do olhar, permitindo que se ultrapasse o tom contemplativo e o reconhecimento do monumento apenas enquanto vestígio de um passado remoto; indo além, busca-se através da oficina com esses jovens o despertar de um olhar curioso e crítico, que desvende as narrativas por trás do objeto arquitetônico, possibilitando uma amplitude de compreensões e questionamentos acerca da história do lugar onde moram” (Cordeiro e Costa, 2001, p. 323).

## BREVES PALAVRAS SOBRE O ENGENHO DE ERASMUS

Figuram na história destas ruínas alguns personagens representativos de um período que anunciou o Mundo Moderno, tempo de profundas transformações e intercâmbios envolvendo velhos e novos saberes, terras distantes, diversos povos e suas culturas. A divisão do trabalho nas manufaturas, a escravidão, o confronto entre sociedades pelo alcance mundial do comércio europeu, compreendem alguns dos fatores essenciais do processo histórico que redesenhou o Mundo e no qual as origens das ruínas do Engenho de Erasmus se inscrevem.

Os grandes engenhos no Brasil, iniciativas de vulto, foram instalados a partir da fundação dos primeiros e incipientes núcleos urbanos de povoamento colonial regular, instituindo-se um modo de produção que fundou as bases sobre as quais se desenvolveu nossa formação sociocultural e econômica, nossa formação como *povo novo* (Ribeiro, 1997), mestiço.

O chamado Engenho São Jorge foi construído por iniciativa Martim Afonso de Sousa, após fundar a primeira vila colonial do Brasil, em 1532: o donatário da Capitania de São Vicente<sup>5</sup>, instituiu as bases do povoamento e exploração do território, conforme as determinações

4. Em outras palavras: “A questão que se coloca é de que maneiras as próprias pessoas, antes mesmo das instituições, podem construir relações com o objeto-monumento no tempo. Estas relações estão sempre mudando e deixando suas marcas. O aspecto atual das ruínas representa muito do abandono do sítio, mesmo num momento em que se reconhecia seu valor na nossa História. Por pouco os vestígios não desapareceram. O desafio é discutir as maneiras pelas quais a comunidade pode apropriar-se dele de fato, tornando-o um testemunho vivo, reconhecendo no objeto uma história que se faz ainda contínua e não engessada no passado” (Cordeiro e Costa, 2001, p. 324).

5. D. João III dividiu seu território na América em imensos latifúndios ao instituir as chamadas Capitânicas Hereditárias. Na prática, Portugal transferiu grande parte do ônus da colonização a certos súditos donatários e mercadores que inverteriam capitais próprios no domínio e na exploração econômica dos territórios indígenas. Por isso, a instalação de engenhos serviu aos propósitos da conquista portuguesa, pois a manufatura exigiu populações permanentes de colonos e escravos, diretamente envolvidas na exploração agrária e produção voltada a suprir uma demanda crescente dos mercados urbanos europeus pelo açúcar: a instalação de engenhos no Brasil influiu, portanto, na própria dinâmica do povoamento colonial.

régias, e instalaria seu próprio engenho em sociedade com outros que viajaram em sua armada.

Em tal empresa, investiram-se capitais flamengos e foi em torno dos anos de 1540 que o engenho, então propriedade dos armadores, foi comprado por Erasmus Schetz. Grande mercador estabelecido em Antuérpia, Erasmus chegou a ser financista de Carlos V e próximo de humanistas, como Erasmus de Rotterdam, por exemplo. Sua família relacionava-se com dignitários jesuítas, entre eles José de Anchieta, que zelou pelos interesses dos Schetz junto aos feitores contratados, ao tempo em que viveu em São Vicente.

O Engenho, pelo que se deduz de alguns dos manuscritos depositados nos *Archives Générales du Royaume* (Bruxelas) pela família d'Ursel, descendente dos Schetz, parece ter produzido relativamente bem até fins do século XVI, sob controle dos filhos de Erasmus e o primogênito, Gaspar Schetz, investira na produção do engenho e comércio colonial com o Brasil após a morte do pai, em 1550. Na grande casa dos Schetz em Antuérpia<sup>6</sup>, Gaspar recebeu Hans Staden, após seu retorno à Europa: ele narrou sua história entre os Tupinambá, e também sobre o feitor dos Schetz em São Vicente quem conheceu. Como se sabe, o seu relato sobre suas duas viagens ao Brasil, publicado em 1557, ilustrado por xilogravuras, muito influenciou na formação do imaginário e iconografia europeia sobre o *Novo Mundo*.

Um manuscrito de 1548, incompleto e anônimo, provavelmente redigido por um feitor flamengo enviado ao Brasil por Erasmus, foi estudado e traduzido pelo historiador belga Eddy Stols: até o presente, é o mais antigo documento textual relacionado ao engenho.

6. A propriedade foi vendida pelos Schetz aos jesuítas que edificaram no lugar a Igreja St. Carolus Borromeus (1615-1621), consagrada antes ao fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola.

Trata-se de um relatório sobre a situação da manufatura, desde os problemas de gestão – já sob um cálculo *capitalista* – até suas instalações e construção, com referências à estrutura fortificada e qualidade da obra construída. Das fontes primárias estudadas durante a Oficina de Vídeo, foi o principal texto utilizado. Apesar da transformação da paisagem urbana na qual se insere o monumento, pode-se ainda reconhecer ali os atributos geográficos propícios à instalação de um engenho. O lugar escolhido apresentava todos os atributos necessários ao seu funcionamento e construção, principalmente a proximidade da água, recurso em abundância disponível tanto para se mover o motor da moenda – conforme referência no relatório manuscrito em 1548, acima citado – quanto para o transporte de cargas entre o engenho e o porto, pois o próprio rio São Jorge serviu como via principal para isto.

O estudo preliminar das estruturas remanescentes mostra que a construção do Engenho de Erasmus estava correlata a um partido arquitetônico que teria sido comum aos engenhos quinhentistas, o qual articulava os espaços de vivenda – a chamada casa grande e as senzalas – e de produção; no conjunto, incluiu-se também uma ermida. Os engenhos situavam-se relativamente distantes das vilas e as ermidas eram precisas ao usufruto dos lá viviam, inclusive as famílias de colonos vizinhos. O programa assim resolvido pela arquitetura dos primeiros engenhos instalados, como unidades auto-suficientes, compreenderia as principais funções, sejam ao modo de vida e subsistência, sejam à própria produção.

Nos remanescentes do sítio do Engenho de Erasmus, até a retomada de estudos arqueológicos comparativos em arquitetura, a única área das ruínas onde se atribui o uso preciso das estruturas é a ermida: em 2003, os estudantes puderam acompanhar as escavações



6. Vista das ruínas a partir da entrada do sítio. Imagem panorâmica.

arqueológicas que evidenciaram sepultamentos sob a nave do pequeno templo. A partir de uma amostra de osso, datada por radiocarbono, revelou-se que a morte de um dos indivíduos ali sepultados, provavelmente um índio, aconteceu em fins do século XVI.

### OS TEMPOS DA PAISAGEM E SOCIEDADE

Nos sítios urbanos históricos em que permanecem preservados ou mesmo apenas restaram certas evidências do passado, o exercício do olhar, por estudos e atividades dirigidas, perceberá o mosaico da história humana ali, ainda presente. As cidades se transformam continuamente, num movimento que toma para si espaços, construindo neles outros sentidos, outros usos. Assim, resta à memória a compreensão do que um dia existiu, dando-nos uma medida da transformação, ao revelar as origens do que hoje se vê.

Nossas ações sobre os lugares, transforma-os em locais onde imprimimos, no tempo, diversos usos e funções, tais como locais de trabalho, de morada, de culto... São localizações que seguem os rumos da própria sociedade, que transmuda. Assim, a paisagem, transformada em ritmos distintos, todavia continuamente, é como uma escritura, um testemunho, sob as formas pelas quais reconhecemos a história da sociedade. Na metáfora do *palimpsesto*, a mudança que a sociedade imprime à paisagem nem sempre *apaga* por completo estruturas anteriores, cujos vestígios a arqueologia urbana pode revelar. Em muitas cidades do Brasil, assim como no mundo, diversos remanescentes de interesse histórico foram (e ainda o são) muitas vezes suprimidos pelo impacto de operações urbanas ou pelo simples abandono, ambos exemplificados pela história recente do Engenho de Erasmus, como suas ruínas expressam.

A paisagem do Morro da Caneleira e do bairro que abriga o sítio arqueológico do chamado Engenho São Jorge dos Erasmos, na zona noroeste da Cidade de Santos, mostra-nos uma ocupação periférica, em sua forma típica expressa pelas grandes cidades no Brasil. O entorno do velho engenho, no tempo em que desenvolvemos a Oficina de Vídeo, apresentava-se sob índices que qualificavam aquela zona como parte da maior área de *exclusão social* da cidade. Nesta paisagem, as habitações expõem a situação das pessoas que subiram os morros, precariamente *urbanizados*, à volta das ruínas tombadas como monumento nacional: se, por um lado, o lugar foi reconhecido por sua importância como um significativo testemunho de nossa história; por outro, a demanda por melhores condições de vida de grande parte das pessoas que lá habitam era evidente.

A questão social presente nesta zona urbana não acom-

Imagens originais em vídeo: Silvío Luiz Cordeiro (2003)



7. 8. 9. Equipe de arqueologia redescobre o cemitério do Engenho de Erasmus em 2003.

panhou o seu *status* cultural privilegiado pelas instâncias do patrimônio, enquanto lugar que abriga importantes vestígios da história do Brasil. Na época, o próprio movimento articulado pelo poder público de Santos, que implantou um circuito cultural na cidade, não incluiu esta zona e seu patrimônio histórico: antes, restringiu-se ao centro da cidade.



10. Vista das ruínas elevadas sobre o *platô*. Imagem panorâmica.

Essa constatação abriu a perspectiva para uma postura de reconhecimento daquele lugar como uma paisagem histórica, um espaço público maior, de grande interesse arqueológico e cultural, em proveito da população que lá vive. A experiência da Oficina de Vídeo caminhou nesse sentido. Anos depois, a partir da construção de uma

base avançada da Universidade de São Paulo, amplia-se as possibilidades educativas e culturais do monumento. E a precisa retomada dos trabalhos arqueológicos contribuirá certamente para compreendermos mais sobre a biografia deste significativo lugar.

## BIBLIOGRAFIA

CHOAY, F. (2001) – *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora Estação Liberdade e Editora UNESP.

CORDEIRO, S. L. (2008) – *A paisagem histórica do Engenho São Jorge dos Erasmos: o vídeo como instrumento educativo na arqueologia do monumento quinhentista*. São Paulo: MAE USP. [Consult. 05 Abr. 2011]. Disponível em WWW:

<URL:<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-09042008-152050/publico/tdeSilvioLuizCordeiro.pdf>>

CORDEIRO, S. L. e COSTA, A. (2001) – Engenho São Jorge dos Erasmos: imagens da redescoberta. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo*. São Paulo. 11, p. 323-325.

GAMA, R. (1983) – *Engenho e Tecnologia*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.

MONTEIRO, J. M. (1995) – *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras.

RIBEIRO, D. (1997) – *O Povo Brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

STOLS, E. (1968) – Um dos Primeiros Documentos sobre o Engenho dos Schetz em São Vicente. *Revista de História*. São Paulo. V. 37 : 76, p. 407 - 419.

## VIDEOGRAFIA

CORDEIRO, S. L. e COSTA, A. (2003) – Engenho dos Erasmos: Imagens da Redescoberta.

Olhar Periférico / Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 21 minutos. DV NTSC. [Consult. 05 Abr. 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://vimeo.com/slucord/redescoberta>>

CORDEIRO, S. L. (2012) – Entre pedras, Palavras e Imagens: Memórias de um Velho Engenho.

Paleocine. 55 minutos. DVCAM NTSC. [Consult. 12 Out. 2011]. Disponível em WWW: <URL: <http://vimeo.com/slucord/engenh>>